

OS EFEITOS DE SENTIDO NAS TIRAS CÔMICAS: uma desconstrução de estereótipos através do humor

The effects of sense on comic stripes: a deconstruction of stereotypes through humor

Vanessa Nascimento dos Santos de Oliveira¹
Claudiana Nair Pothin Narzetti Costa²

Resumo: O presente artigo analisa efeitos de sentido dos discursos presentes em tiras de humor, abordando, em especial, a desconstrução de estereótipos e preconceitos contra as pessoas surdas, filhos de surdos e a língua de sinais. O corpus se constitui de cinco tirinhas da série *That Deaf Guy*, de Matt e Kay Daigle, disponíveis em português na página “Surdalidades”, na rede social Facebook. A análise é baseada no referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux, com aporte das reflexões sobre o humor desenvolvidas por Possenti (2010). A investigação buscou evidenciar como, por meio do humor, às vezes até mesmo ácido, principalmente do personagem Cedric, as tiras em tela atuam não só na desconstrução de estereótipos, mas também na

¹ Docente do curso de licenciatura em Letras - Libras da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Mestre do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade Estadual do Amazonas. Possui especialização em Língua Brasileira de Sinais (Uniassevi). Integra o grupo de pesquisa Núcleo de Pesquisas em Linguística e Literatura - Nupell, da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: vndsdo.mla20@uea.edu.br

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes e da Graduação em Letras da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (Unesp-Araraquara). Integrante do Núcleo de Pesquisas em Língua e Literatura (Nupell). Desenvolve e orienta pesquisas na área da análise do discurso, com ênfase nas teorias de Michel Pêcheux e do Círculo de Bakhtin.

disseminação de conhecimentos positivos sobre diversos aspectos da cultura surda.

Palavras-chave: Análise do discurso francesa; Cultura Surda; Estereótipos; Humor.

Abstract: *This article analyzes the meaning effects of the speeches present in humor strips, addressing, in particular, the deconstruction of stereotypes and prejudices against deaf people, children of deaf people and sign language. The corpus consists of five strips from the That Deaf Guy series, by Matt and Kay Daigle, available in Portuguese on the page "Surdalidades", on the social network Facebook. The analysis is based on the theoretical-methodological framework of French Discourse Analysis, based on the works of Michel Pêcheux, with contributions from the reflections on humor developed by Possenti (2010). The investigation sought to show how, through humor, sometimes even acidic, mainly from the character Cedric, the strips on canvas act not only in the deconstruction of stereotypes, but also in the dissemination of positive knowledge about various aspects of deaf culture.*

Keywords: French discourse analysis; Deaf Culture; Stereotypes; Humor.

INTRODUÇÃO

A história da educação de surdos no mundo teve um grande impacto nas vidas e na educação dos povos surdos. Houve a intenção de extinguir a língua de sinais. Todavia os surdos se mantiveram firmes e, mesmo com a proibição da língua de sinais oficialmente nas salas de aula, os alunos surdos continuaram a usá-la nos corredores e nos pátios da escola.

No Brasil, o resultado das lutas das pessoas surdas para terem uma educação que privilegie, além da língua majoritária do país, a sua

primeira língua, a Língua Brasileira de Sinais – Libras, é marcada historicamente por propostas educacionais que determinaram relações de poder linguístico e até hoje resultam em discussões que merecem ser analisadas. Conforme Quadros (1997), o percurso das propostas de educação para a pessoa surda foi marcado por três fases: Oralismo, Bimodalismo e Bilinguismo.

Nesse contexto de lutas, o povo surdo lança mão de diversas estratégias. Uma delas é a produção de toda uma literatura surda, no interior da qual se pode incluir as tiras de humor (também conhecidas como tiras cômicas ou tirinhas). Estas podem ser caracterizadas como um gênero que comumente produz humor, por vezes uma crítica social, sendo estruturada pela articulação de elementos verbais e não verbais que representam situações cotidianas onde sujeitos sociais estão envolvidos. Com o surgimento das novas tecnologias, as tiras cômicas passam a circular também no ambiente virtual, o que possibilita uma recepção ampliada.

Dessa forma, a presente pesquisa analisa a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa tiras cômicas traduzidas do site americano *That Deaf Guy* para o português através da página “Surdalidades” na plataforma do *Facebook*. O recorte aqui feito incidiu sobre tiras que representam o discurso do CODA e a língua de sinais, na perspectiva familiar, social e política. Tais pressupostos são de fundamental importância para a pesquisa no trato do corpus, uma vez que, para a Análise do Discurso, o principal não é o sujeito em si, mas o lugar ideológico de onde enuncia.

1 ASPECTOS LINGUÍSTICOS DOS SURDOS

Para Saussure, a linguagem não é natural ao homem, mas a capacidade que o ele tem de convencionar um sistema de símbolos que possibilita a comunicação no meio social: “[...] poder-se-ia dizer que não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua, vale dizer: um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas” (SAUSSURE, 2004, p.18). Na visão de Saussure, a língua só existe em uma coletividade, não estando completa em um único indivíduo. Portanto:

A língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre indivíduos. Trata-se, pois de algo que está em cada um deles, embora seja comum a todos e independa da vontade dos depositários. (SAUSSURE, 2004, p. 27)

A língua de sinais é a língua natural dos surdos e apresenta estrutura e regras gramaticais próprias. Ela é considerada natural, porque surge espontaneamente da interação entre pessoas e porque, devido a sua estrutura, permite a expressão de qualquer conceito e de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano (BRITO et al., 1998).

Marchesi (1995, p. 219) afirma que “A língua de sinais é uma linguagem autêntica, com uma estrutura gramatical própria e com possibilidades de expressão em qualquer nível de abstração”. Por ser tão completa quanto à língua oral, é adequada e pode e deve ser utilizada no processo ensino e aprendizagem, exercendo o desenvolvimento, a comunicação e a educação dos alunos marcados por uma falta, a audição.

2. CHILDREN OF DEAF ADULTS - CODA

A sigla CODA, que tem como significado na língua inglesa a expressão *Children of Deaf Adults* (filhos de pais surdos), é utilizada nos Estados Unidos da América bem como em outros países da América Latina, Ásia e Europa. Ela designa os filhos e filhas ouvintes de pessoas surdas.

Conforme Souza, (2014, p.35):

O Coda, geralmente, cresce em meio a duas culturas, duas línguas, e no contato com muitas experiências visuais, diferentemente de outras crianças que não são filhas de surdos. As pesquisas acadêmicas em torno de filhos de pais surdos ainda são recentes no Brasil, pois grande parte desses estudos encontram-se na América do Norte e na Europa.

A terminologia CODA é de origem norte-americana, sendo também utilizada pela organização *Children of Deaf Adults Inc*, fundada em 1983 por Milie Brother, e que realiza encontros com filhos de pais surdos, defendendo a ideia de que os filhos de pais surdos, nas mais diferentes partes do mundo, vivenciam experiências muito semelhantes, como sujeitos biculturais, ou seja, que transitam pela cultura surda e pela cultura ouvinte.

3. AS TIRAS DO THAT DEAF GUY

As tiras em quadrinhos do *That Deaf Guy* (na tradução do inglês para o português, *Aquele Cara Surdo*) são de autoria de Matt Daigle, desenhista norte-americano surdo e Kay Daigle, sua esposa ouvinte, fluente em Língua de Sinais Americana (ASL). Três personagens fazem parte da história em quadrinhos: Desmond, surdo, designer gráfico e casado com Helen, uma advogada ouvinte, fluente em língua de sinais, que às vezes atua como intérprete, e Cedric, o CODA, filho do casal, que percorre entre dois mundos com destreza, o mundo ouvinte e o mundo surdo. As tiras, que compõem o corpus deste artigo, foram traduzidas do

inglês para o português na página “Surdalidades”, da rede social Facebook, cujos tradutores são surdos e ouvintes voluntários. Aqui são analisadas especificamente cinco tiras, mas elas fazem parte de um corpus de 95 tiras de uma pesquisa de mestrado recém-concluída. As tiras selecionadas para este artigo são uma amostra de fenômenos discursivos encontrados no corpus mais amplo e ilustram parte dos resultados ali encontrados.

4 EFEITO DE SENTIDO NAS TIRAS DO *THAT DEAF GUY*

À luz da Análise do Discurso de linha francesa, que norteia a pesquisa, o sujeito é essencialmente ideológico e histórico, pois está inserido num determinado lugar e tempo. Assim, o seu discurso se posiciona sempre em relação aos discursos do outro, estando inserido num tempo e espaço socialmente situados. Na junção entre o linguístico e o social, a enunciação passa a ser um fator importante para a interpretação, para a constituição do significado. Do mesmo modo, sua identidade se constitui discursivamente, na relação com outro, num batimento entre semelhança e diferença.

No processo histórico, ideológico e discursivo da construção de identidades, constituem-se os estereótipos, os quais circulam socialmente em diversos discursos, materializados em distintos gêneros discursivos. As piadas, conforme Possenti (2010), são um desses gêneros nos quais os estereótipos frequentemente são mobilizados.

Indo além, Possenti (2010, p.40), ainda afirma que:

[...] o estereótipo, tal como funciona nas piadas, talvez seja uma forma peculiar de manifestação, nesse gênero particular, do simulacro, tal como foi proposto e descrito por Maingueneau (2008a), ou seja, é um efeito necessário da relação interdiscursiva, em especial no caso de tal relação ser polêmica. [...] a identidade é social, imaginária, representada [...] o fato de

que a identidade é uma representação imaginária não significa necessariamente que não tenha amparo no real. Significa apenas que não é seu espelho, sua cópia.

O objeto do presente artigo não são piadas, mas tiras de humor. No entanto, estas, bem como outros gêneros, fazem parte do campo do humor conforme atesta Possenti (2010, p.17): “O humor, como a literatura, é um campo em que se praticam gêneros numerosos, da comédia à charge, passando pelas “crônicas” e narrativas, história em quadrinhos, tiras, pelas piadas e pela exploração humorística de numerosos outros tipos de textos”. Assim, o descrito pelo autor acerca das piadas pode ser também encontrado nas tiras cômicas.

Iniciando a análise, abordaremos, a partir da tira 1 abaixo, os estereótipos e preconceitos sobre os sujeitos Surdos como deficientes, sobre a surdez como perda, bem como a desvalorização da língua de sinais e a falta de conhecimento sobre o seu status de *língua*.

Figura 1 – Tira 1



Fonte: <https://www.facebook.com/surdalidades/photos/a.354534317912494/1017443511621568/?type=3&theater>. Acesso em: 02 abril de 2021.

Na tira 1, no primeiro quadrinho, vemos um colega de Cedric, com expressão facial debochada, movimentando as mãos de forma aleatória

e com estroinice, afirmando que a família de Cedric é esquisita pois fala com as mãos como idiotas, o que deixa Cedric e seu amigo perplexos.

Para Skliar (2005), ainda existe uma desvalorização dessas línguas por serem consideradas uma mistura de pantomima e de sinais icônicos, ou, ainda, um pidgin primitivo. Revertendo esse tipo de entendimento, Quadros & Karnopp (2004, p. 28) estabelecem igualmente as línguas de sinais e orais quando dizem “[...] a língua é um sistema padronizado de sinais/sons arbitrários, caracterizados pela estrutura dependente, criatividade, deslocamento, dualidade e transmissão cultural”.

No segundo quadrinho Cedric afirma ao seu colega que a língua de sinais é uma língua divertida, que o colega não sabe de nada sobre a língua de sinais e aproveita para ensiná-lo o sinal de “legal”. De modo que para Cedric, o desconhecimento quanto ao uso e a desvalorização da sua língua visuoespacial por parte do seu colega, provoca em si a manifestação do riso, pois Cedric pode caçoar dele, ensinando-lhe sinais com significados totalmente contrários.

No terceiro quadrinho o amigo de Cedric questiona-o sobre o significado daquele sinal que ele havia ensinado para o colega ser o sinal de “idiota” e não o sinal de “legal”. Cedric com a feição de felicidade, de forma irônica, observa o colega ensinando a um outro garoto o sinal de “idiota” pensando ser o sinal de legal e caçoando dele, da mesma forma como ele foi caçoado pelo colega, que vê a língua de sinais como uma língua que desperta sensação incômoda de estranheza e que, para ele, as pessoas que assim falam, carecem de inteligência. A percepção histórica dos sujeitos Surdos na forma de audismo, “a forma de dominação dos ouvintes, reestruturando e exercendo a autoridade sobre a comunidade surda” (LANE, 1992, p. 52), em situações do cotidiano é marcada no discurso do colega de Cedric pela marginalização das

línguas de sinais e dos sujeitos que a utilizam como instrumento de comunicação e interação.

A tira 1 apresenta o traço do humor e o tema dos estereótipos e preconceitos, que é traço relevante no campo do humor, conforme Possenti (2010). No entanto, esse tema aparece aqui numa forma distinta, isto é, o estereótipo não é reforçado, mas sim “denunciado” pela atitude de Cedric de “pregar uma peça” no colega.

Nessa tira, os autores Matt e Kay Daigle trazem em evidência os efeitos de sentido de humor e ironia, pois Cedric conversa bastante com adultos no dia a dia, mas ele é uma criança que prega uma peça em seu colega zombador. Seu amigo nota o equívoco no significado dos sinais, pois com certeza tem curiosidade pela língua, que seu amigo usa para comunicação com os pais. Certamente ele já acompanhou e aprendeu com Cedric alguns sinais no convívio diário, aprendendo a língua e cultura, de forma natural, se assim não fosse, o amigo de Cedric não teria percebido que ele estava pregando uma peça no colega deles.

A tira 2, marca o discurso dominante dos ouvintes sobre os surdos, evidenciado pelo efeito metafórico entre os significantes normal e ouvinte, e os significantes anormal e surdo.

Tira 2



Disponível em:

<https://www.facebook.com/surdalidades/photos/a.354534317912494/1054378001261452/?-type=3&theater>. Acesso em: 02 abril de 2021.

O primeiro quadrinho ilustra o que acontece rotineiramente com os usuários da língua de sinais: os olhares de espanto ao ver uma família constituída de um adulto surdo, brincando e sinalizando em língua de sinais, com seu filho CODA ouvinte, cena que ocorre sem grande espanto e olhares de curiosidade, quando os pais e filho(s) são ouvintes. Cedric, a criança CODA, tem como pai Desmond, que é surdo, e como mãe Helen, que é ouvinte. Na cena, Cedric sabe que é observado e continua brincando com seu pai.

No segundo quadrinho, a senhora que observava a família se aproxima e pergunta a Helen se o seu filho é normal. Os autores Matt e Kay Daigle colocam a palavra normal em negrito, visto que a senhora apresenta expressões faciais de negação, ao falar a palavra normal, no sentido de que uma criança, se for surda, não teria perspectiva dependendo unicamente de ações assistenciais. Nota-se que Helen fica constrangida e abismada, pois, apesar de viverem em mundo contemporâneo, com grande acesso a informações, pessoas como a senhora da narrativa ainda perguntam se uma criança é “normal”

quando querem saber se ela é “ouvinte”. De acordo com Gesser (2009), o surdo era considerado deficiente e inapto a comunicar-se tanto através das línguas de sinais, devido aos impasses com relação ao aceite dessa língua como meio de comunicação legítimo diante do oralismo, quanto pela imposição de uma língua oral nacional. É essa representação do surdo como anormal que permanece na discurso da senhora da tira 2.

No terceiro quadrinho a senhora continua questionando Helen sobre Cedric, se o mesmo teve algum defeito de nascimento, novamente constrangendo Helen, deixando-a espantada com os questionamentos. A senhora usa a palavra “defeito” de forma pejorativa, podendo ter questionado se Cedric tinha alguma necessidade específica ao nascer, pois viu que ele sinalizava em língua de sinais.

No quarto quadrinho a senhora, diante da expressão e dos questionamentos de recusa de Helen acerca dos termos que ela utiliza para se referir ao filho dela, continua tentando encontrar uma forma de perguntar a mãe de Cedric o porquê de ele usar língua de sinais (isto é, continua tentando encontrar as palavras adequadas). Mas novamente usa a expressão “problemas de audição”, de forma pejorativa. Para a senhora, o fato de a criança sinalizar significa que não era um ser humano normal, mas sim anormal e traz a falta de audição não como uma perda de um dos sentidos, mas sim como um problema que pode ou não ser consertado. Helen, por vivenciar com os surdos de maneira geral e ter um marido surdo, apresenta a feição de perplexidade, devido ao fato de a senhora não ver os surdos como pessoas normais, surdas, que usam uma língua visual-motora de forma natural, como qualquer língua.

Para Pêcheux a ideologia é a matriz do sentido:

as palavras, expressões, proposições... mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é em relação às formações ideológicas. (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

O discurso da senhora é marcado por uma posição ideológica de discursos produzidos sobre o povo surdo, sob uma visão clínico-médica, diferente da visão socioantropológica presente no discurso de Helen.

No quinto e último quadrinho a senhora tenta novamente perguntar sobre Cedric. Helen, cansada de ser questionada, fala que seu filho não é surdo como o pai dele, mas sim ouvinte. Cedric, mesmo distante, ouve a conversa de ambas, do começo até o fim. Como estava brincando com seu pai e havia cavado um buraco na areia, diz para a senhora, de forma direta e sem nenhum constrangimento para uma criança da sua idade, que a senhora já poderia enfiar a cabeça dela naquele buraco por tamanhas falas cheias de preconceitos.

Ao longo dos quadrinhos da tira 2, podemos observar o uso de traços nos movimentos dos personagens, uso de expressões faciais e corporais diferenciadas em cada um dos personagens. Fica evidenciado que Desmond, surdo, não apresenta expressões faciais negativas, pois não desviou a direção dos seus olhos para a conversa da senhora com sua esposa; ao contrário, é o único que apresenta expressão facial totalmente positiva, demonstrando satisfação em estar na praia com sua família e brincando com seu filho. Mesmo não escutando, Desmond poderia sim saber pelas expressões de sua esposa e da senhora que a conversa entre elas não estava agradando Helen e o mesmo perguntaria em língua de sinais o que estava acontecendo.

O autor finaliza na fala de Cedric, que mesmo sendo uma criança, pelo fato de ser CODA já havia vivenciado essa mesma situação

inúmeras vezes e, mesmo utilizando uma parte da fala como criança mostrando o buraco (diz para a senhora que ela podia enfiar a cabeça na areia), sabe que aquela conversa entre as duas levantava questões mais profundas, sabia também, que a senhora não imaginava um homem surdo, pai surdo por exemplo, poderia se casar, constituir uma família e nem que poderia ter um filho para brincar em uma praia.

Portanto, os autores Matt e Kay Daigle apresentam seu personagem Cedric como uma criança comprometida com os aspectos culturais, linguísticos e sociais, e que muitas vezes confronta crianças e adultos de forma autêntica, com nuances de humor, trazendo essas temáticas também de um forma mais leve e divertida.

O audismo presente nos discursos no cotidiano dos Surdos inseridos na sociedade com língua oral majoritária é evidenciado na tira 3.

Tira 3



Disponível em:

<https://www.facebook.com/surdalidades/photos/a.354534317912494/585009468198310/?-type=3&theater>. Acesso em: 02 abril de 2021.

Na tira 3, no primeiro quadrinho, Cedric e o seu pai Desmond estão em uma lanchonete, olhando o cardápio para fazer o pedido. A intermediação do pedido é feita através do CODA. A garçonete, observando que somente Cedric usa a forma oral para falar, pergunta se Desmond não pode escutar. Cedric é direto em sua resposta e diz que seu pai é surdo.

No segundo quadrinho, a expressão facial e corporal da garçonete, ao receber a resposta que o pai da criança é surdo, se transforma e parece não crer que um homem surdo possa ser pai e ter um filho que não é surdo, mas sim ouvinte. Ela fica triste e lamenta pelo pai, que é surdo. Cedric, sabendo que não há nenhum mal em ter um pai ser surdo, pois entende a surdez como ganho e não como uma perda, pergunta para a garçonete se ela não sabe falar em língua de sinais, pois, sendo filho de pai surdo, vê a relevância de aproveitar esse momento para reforçar a importância da língua de sinais.

No terceiro quadrinho a garçonete informa a Cedric que não sabe falar em língua de sinais. A resposta verbal de Cedric é acompanhada de uma expressão facial e corporal de grande tristeza, de forma irônica, lamentando o fato dela não falar em língua de sinais.

Ao longo da tira 3, podemos observar que os autores Matt e Kay Daigle, trazem na tira o efeito de sentido de ironia e humor, pois o CODA Cedric debocha da garçonete que vê seu pai como um desditoso homem por causa da perda auditiva. Cedric traz à tona o mesmo sentimento que ela teve e aproveita por mandar o recado que é muito triste o fato de a garçonete não saber falar em língua de sinais e, por isso, não pode perguntar a Desmond o pedido dele, tendo que perguntar para seu filho, o que não aconteceria se na mesa o pai fosse ouvinte. Portanto, assim como a garçonete, que atualiza o discurso dominante sobre os surdos, lamenta a surdez como perda ou problema, Cedric

lamenta o fato de ela não saber a língua de sinais para se comunicar com seus clientes surdos. Trata-se, na tira, de uma inversão de perspectiva, pela estratégia do humor, visando a reforçar o discurso da comunidade surda sobre si mesma junto à comunidade de ouvintes, desconstruindo a visão patológica e negativa da surdez.

Ainda na mesma tira é representada uma situação rotineira vivida pelo CODA, que é atuar como mediador do sujeito surdo em diversas situações sociais, fazendo a ponte entre duas culturas. Nas tiras em análise, o CODA não apenas faz a mediação, mas busca disseminar a valorização da cultura surda.

Para exemplificar as dificuldades de comunicação e de convivência, podemos recorrer à tira 4.

Tira 4



Disponível em:

<https://www.facebook.com/surdalidades/photos/a.354534317912494/1017440911621828/?-type=3&theater>. Acesso em: 02 abril de 2021.

Na tira 4, no primeiro quadrinho o atendente que trabalha no caixa sete, informa a Desmond que o caixa oito não está aberto. No segundo quadrinho o atendente do caixa sete, avisa novamente a Desmond que o caixa oito está fechado, mas, dessa vez, falando bem

alto, o que pode ser percebido pelos elementos imagéticos do quadro. Desmond não esboça nenhuma reação, pois está de costas ao atendente e concentrado em seu celular. Como Cedric é ouvinte e o atendente falou muito alto, Cedric avisa-o em tom normal que seu pai não pode escutar pois é surdo.

No terceiro quadrinho, o atendente se mostra perplexo pela resposta de Cedric e afirma que Desmond não parece ser surdo. Cedric, com sua sinceridade e falando de maneira direta, afirma que, apesar de não parecer ignorante, o atendente o é. O efeito de sentido que os referidos os autores Matt e Kay Daigle procuram evidenciar é a ironia com que Cedric responde ao atendente. Trata-se da mesma estratégia de humor da tira 3, em que o menino CODA inverte o problema para o interlocutor ouvinte.

Nessa tira é mobilizado, nos enunciados do atendente, o discurso segundo o qual a perda auditiva seria atrelada a certas características físicas extrínsecas. Muitas pessoas veem a surdez como sinônimo de pessoas desprovidas de beleza. O atendente fica desconcertado ao perceber que sua concepção se choca com a realidade, uma vez que Desmond não aparenta ser surdo.

O silenciamento do pai de Cedric traz a possibilidade do silêncio, como forma de também produzir sentido, porque ele retrata um comportamento de que o CODA repete um discurso que permeia em sua relação familiar com a sociedade, não havendo a necessidade de Desmond de se pronunciar, pois como é surdo, não recebe a enunciação como enunciatário. Desmond somente saberia o referente, caso o seu campo visual estivesse voltado para o enunciador, o atendente do caixa sete. Cedric experiencia a vida cotidiana como enunciatário em todas as vezes em que os enunciadores não conhecem

Desmond como sujeito surdo, nem Cedric como CODA ouvinte. Apesar de saber que o referente não foi lhe direcionado, Cedric sempre se coloca no lugar da enunciação, como enunciatário e ao retribuir a fala estereotipada do atendente do caixa sete. Assim, o silenciamento do pai de Cedric produz sentido porque:

“o homem está ‘condenado’ a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à ‘interpretação’: tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja). O homem está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico. (ORLANDI, 1997, p.29).

O silêncio de Desmond é um elemento significativo que vai além das palavras e o coloca no mundo, no local da enunciação, trazendo à tona o processo de significação da existência de sujeitos que possuem parcial ou nenhuma audição, os surdos.

O desconhecimento sobre as línguas de sinais como línguas naturais dos sujeitos Surdos e dos CODAS é o tema da tira 5 abaixo.

Tira 5



Disponível em:

<https://www.facebook.com/surdalidades/photos/a.354534317912494/1017443511621568/?type=3&theater>. Acesso em: 02 abril de 2021.

Na tira 5, no primeiro quadrinho, o colega de Cedric fala para ele que o somente usa língua de sinais para chamar atenção. Cedric retruca ironicamente que Hernando, seu amigo, somente fala em espanhol para chamar atenção. A língua de sinais é a língua natural dos surdos e apresenta estrutura e regras gramaticais próprias. Ela é considerada natural porque surge espontaneamente da interação entre pessoas e porque, devido a sua estrutura, permite a expressão de qualquer conceito e de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano (BRITO et al., 1998).

No segundo quadrinho o colega de Cedric responde que Hernando nasceu e cresceu falando espanhol. Cedric fica atônito, fala para seu colega se há alguma diferença em seu pai Desmond ser surdo. Como Cedric é bilíngue, mas de duas línguas de modalidades diferentes, oral-auditiva e visual-motora, ele fala também para o colega que agora vai esperar até aparecer a luz, que na língua de sinais significa um insight, ou seja, a compreensão súbita de algo e que no português seria uma

metáfora equivalente a esperar o colega entender que Hernando fala em espanhol porque seu pai é espanhol e Cedric fala em língua de sinais porque seu pai é surdo. Hernando já entende o que Cedric quer dizer com esperar até a luz aparecer, pois convive com a família do amigo.

No terceiro, quarto e quinto quadrinhos o colega de Cedric não compreende a sua fala, três quadrinhos que expressam a demora em entender essa linguagem não-verbal, trazendo a metáfora da lâmpada apagada ou seja ainda não houve o insight para ele.

No sexto e último quadrinho é evidenciada a linguagem verbal da palavra “click” e a linguagem não-verbal com a imagem da lâmpada, mas dessa vez acesa, reforçando com a linguagem verbal que o menino agora entendeu o que Cedric havia explicado. Cedric e Hernando riem, pois seu colega tem dificuldade de entender aspectos relacionados à língua de sinais, como o do artefato cultural da experiência visual que os usuários da língua possuem por ter a cultura surda.

Na tira 5 mais uma vez é reforçada a natureza de língua das línguas de sinais, isto é, de um instrumento de comunicação legítimo e efetivo. Cedric cresceu em contato com duas línguas, uma língua de sinais e a outra a língua oral, pois sua mãe, Helen, é ouvinte. O CODA sabe, assim, que, assim como qualquer língua oral, as línguas de sinais também são uma herança transmitida de geração a geração.

CONCLUSÃO

A partir de tudo o que foi apresentado, nota-se que as tiras cômicas do *That Deaf Guy* representam mais do que trazer diversão para os seus leitores, mas trazer os referentes presentes nos discursos com estereótipos mobilizados nos discursos de algumas pessoas que se

deparam com os sujeitos Surdos em diversas situações sociais próprias de nosso momento histórico.

Os Surdos e seus familiares rejeitam esses discursos, que possuem mais prevalência na sociedade, de forma a questionar, rebater e mostrar os direitos e atuação dos surdos que tem suas identidades totalmente heterôgeneas. As tiras cômicas em análise, assim, atuam na desconstrução de estereótipos sobre a cultura surda e na construção de uma visão atual e positiva.

De acordo com Possenti (2010, p.27):

Os textos humorísticos, embora, evidentemente, não sejam sempre “referenciais”, guardam algum tipo de relação (a ser explicitada, já que humor não é Sociologia nem História) com os diversos tipos de acontecimentos.

Portanto, nas tiras cômicas do That Deaf Guy, alguns estereótipos são questionados e rebatidos pelo CODA, filho bilíngue bimodal, que convive com duas línguas, uma oral e outra visual-motora, cujo pai é surdo e cuja mãe é ouvinte. Trazendo reflexões dos efeitos de sentido presentes nas representações ideológicas, assim como os discursos sobre interlocuções do sujeito CODA, entre seus pais, entre surdos e ouvintes, levando em conta sua condição de ao mesmo tempo ter audição e partilhar de elementos culturais ouvintes.

REFERÊNCIAS

BRITO, Lucinda Ferreira. (org). **Educação Especial - Língua Brasileira de Sinais**. V. III. Série Atualidades, nº 4. Brasília: SEESP/MEC, 1998.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

LANE, H. **Máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada.** Lisboa: Instituto Piaget. 1992.

MARCHESI, Álvaro. **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar.** Porto Alegre: Artes Medicas, 1995.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso.** 4 ed. São Paulo: UNICAMP, 2009

POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso.** São Paulo: Contexto, 2010.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdo: A aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Muller de., KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004, 224p.

SAUSSURE, Ferdinand de. (2006). **Curso de lingüística geral.** 27. ed. São Paulo: Cultrix.

SOUZA, José Carlos F. **INTÉRPRETES CODAS: Construção de identidades.** 2014. Dissertação (Mestrado em Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014

Esta publicação deverá ser citada da seguinte forma:

OLIVEIRA, V. N. dos S. de O.; COSTA, C. N. P. N. Os efeitos de sentido nas tiras cômicas: uma desconstrução de estereótipos através do humor. **Revista DisSol – Discurso, Sociedade e Linguagem**, Pouso Alegre/MG, ano 7, n.º16, jul-dez/2022, p. 225 -245.